

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Processo de formação de roda de conversas com jovens

Training process of a conversation circle with young people

Proceso de formación de un círculo de conversación con jóvenes

Danielle Mendes da Conceição¹, Ana Paula Azevedo Hemmi²

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência de um processo de formação de roda de conversas com jovens. **Método:** Relato de experiência do tipo descritivo, realizado conforme a pesquisa participante. O cenário foi a cidade de Diamantina, Minas Gerais, Brasil e a experiência foi realizada a partir da formação de rodas de conversa com jovens pautadas no diálogo. Esta foi a ferramenta primordial de maneira a valorizar a escuta e a participação dos jovens envolvidos no processo como elemento central da experiência. **Resultados:** A roda de conversa culminou em um espaço onde os jovens puderam se expressar e destacar seus sentimentos, permitindo um diálogo entre os sujeitos. **Considerações finais:** Relatar essa experiência pode ser uma forma de socializar e mostrar como é possível desenvolver grupos participativos, que podem impactar no bem-estar das pessoas. Além de contribuir no desenvolvimento das ações de enfermagem e demais profissionais da saúde em âmbito coletivo e comunitário.

Informações do Artigo:
Recebido em: 01/05/2023
Aceito em: 17/05/2023

DESCRIPTORIOS:

Participação da comunidade; Adolescente; Educação em saúde.

ABSTRACT

Objective: To report the experience of a training process of a conversation circle with young people. **Method:** Experience report of the descriptive type, carried out according to the participant research. The setting was the city of Diamantina, Minas Gerais, Brazil, and the experience was carried out based on the formation of conversations with young people based on dialogue. This was the primary tool in order to value the listening and participation of the young people involved in the process as a central element of the experience. **Results:** The conversation wheel culminated in a space where young people were able to express themselves and highlight their feelings, allowing for a dialogue between the subjects. **Final considerations:** Reporting this experience can

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Enfermagem. E-mail: danielle_mendes28@hotmail.com

²Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Ciências Básicas. Endereço: Campus JK, Rodovia MGT 367 – Km 583, nº 5000- Alto da Jacuba, Diamantina-MG, 39100-000. E-mail: ana.hemmi@ufvjm.edu.br

be a way to socialize and show how it is possible to develop participatory groups that can impact people's well-being. In addition to contributing to the development of nursing and other health professionals' actions in collective and community settings.

DESCRIPTORS:

Community Participation; Adolescent; Health Education.

RESUMEN

Objetivo: Informar sobre la experiencia de un proceso de formación de un círculo de conversación con jóvenes. **Método:** Relato de experiencia de tipo descriptivo, realizado de acuerdo con la investigación participante. El escenario fue la ciudad de Diamantina, Minas Gerais, Brasil y la experiencia se realizó a partir de la formación de ruedas de conversación con jóvenes basadas en el diálogo. Esta fue la herramienta primordial para valorar la escucha y la participación de los jóvenes implicados en el proceso como elemento central de la experiencia. **Resultados:** El círculo de conversación culminó en un espacio donde los jóvenes pudieron expresarse y poner de manifiesto sus sentimientos, permitiendo un diálogo entre los sujetos. **Consideraciones finales:** Relatar esta experiencia puede ser una forma de socializar y mostrar cómo es posible desarrollar grupos participativos, que pueden repercutir en el bienestar de las personas. Además de contribuir al desarrollo de las acciones de enfermería y otros profesionales de la salud en el ámbito colectivo y comunitario.

DESCRIPTORES:

Participación de la Comunidad; Adolescente; Educación en Salud.

INTRODUÇÃO

Considerada uma ferramenta da promoção da saúde e prevenção de agravos por profissionais de saúde, a educação em saúde permite intervenções no âmbito individual, coletivo e social⁽¹⁾. A partir de uma breve revisão da literatura, é possível perceber como a ênfase dos estudos se caracterizam pela realização de ações educativas realizadas com comunidades no campo da saúde a partir de campanhas ou pela realização de grupos operativos ou terapêuticos, focados geralmente em algumas doenças. Sob o discurso da promoção da saúde, profissionais de saúde apostam no desenvolvimento dessas ações visando a redução de agravos à saúde e na diminuição de internações por possíveis causas evitáveis.

No entanto, de maneira empírica o desenvolvimento dessas ações ainda parte de uma concepção de que o repasse de informações com ênfase no saber técnico é algo suficiente para que mudanças de comportamento ocorram. Além disso, geralmente, os conhecimentos e a participação das pessoas envolvidas e interessadas no processo saúde-doença não são colocados em primeiro plano para o desenvolvimento dessas ações. Isso pode dificultar o processo terapêutico, assim como impactar também na continuidade do cuidado realizado pelos próprios sujeitos, já que nem a corresponsabilidade, nem a participação ativa são consideradas no processo de transmissão de conhecimento⁽¹⁾.

Acredita-se que dois aspectos se relacionam a essa forma de desenvolvimento das ações de educação em saúde: 1- a formação em saúde; e 2- a ausência de vínculos entre usuários e profissionais de saúde. Apesar disso, sabe-se que a prática da educação em saúde ainda é pautada na transmissão de conhecimentos aliada à ausência de vínculos entre aqueles que ensinam e os que

supostamente estão ali para aprender. Tal aspecto também pode ser considerado um fator impactante para que as ações educativas aconteçam de maneira pontual e sem muito envolvimento dos participantes⁽¹⁾.

Neste trabalho, partimos da questão norteadora: como realizar projetos de extensão e formação de grupos de maneira a considerarmos os saberes e a participação dos sujeitos e/ou coletividades? A educação em saúde como tema acadêmico vem sendo trabalhada há algumas décadas no Brasil^(1,2). Diversos são as publicações e teorias do conhecimento que abordam como devem ser realizadas ações pautadas na educação em saúde. No entanto, entre o que deve ser realizado e o realizado de fato, há uma distância considerável, sobretudo quando pensamos nas ações no campo da saúde. As ações desenvolvidas por agentes deste campo tendem a se pautar quase que exclusivamente na transmissão do conhecimento técnico. Sem, considerar, contudo, a troca de saber, de conhecimento a partir do contato com as diferentes realidades e contextos de vida⁽¹⁻³⁾.

Percebe-se, então, que considerar atividades educativas em saúde a partir da participação dos sujeitos parece ser um desafio a ser enfrentado no âmbito da formação em saúde. Se pensarmos que participação está prevista na Constituição de 1988, como um dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), é fundamental refletirmos como essa participação ocorre também nas relações entre população e profissionais de saúde e/ou acadêmicos. Tal aspecto é importante, visto que a formação e/ou educação permite inculcar valores e olhares importantes para uma prática profissional comprometida e crítico-reflexiva^(2,3).

Assim, este trabalho considerou a fase jovem adolescente por constituir mudanças importantes sejam elas corporais e de adaptação a novas estruturas psicológicas e ambientais, que conduzem o indivíduo da infância à idade adulta. É a fase em que o indivíduo reformula os conceitos que tem a respeito de si mesmo passando por uma fase de transição, assim o desenvolvimento psicossocial nesse período da vida caracteriza-se pela busca da identidade, projetando a sua vida adulta^(4,5).

Sabe-se que a atuação junto a jovens equatorianos por meio da pesquisa-participante, se mostrou uma estratégia positiva, auxiliando os jovens universitários a lidarem ativamente com os principais problemas acometidos a eles próprios⁽⁶⁾.

Diante disso, este trabalho encontra-se relacionado ao Projeto de extensão com interface com a pesquisa intitulado “Pesquisa -Ação no processo de construção de Conselhos Locais de Saúde: atuação de líderes comunitários” que teve, dentre seus objetivos, identificar jovens interessados no debate acerca da saúde e bem-estar. No caso do presente artigo, este visa relatar a experiência de um processo de formação de roda de conversas com jovens. A ênfase aqui se encontra mais no processo de formação da roda e das negociações do que propriamente em algum resultado esperado. Isso significa que a sua proposta de formação e condução teve como prioridade o aprendizado das autoras

com esse processo.

Objetivou-se, portanto, relatar a experiência de um processo de formação de roda de conversas com jovens.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência com abordagem descritiva realizada a partir de um projeto de extensão com interface à pesquisa em que o método da pesquisa-participante foi o guia desde o início da proposta. A pesquisa-participante é um método em que os sujeitos são corresponsáveis por sua execução, sendo uma ferramenta importante para abordagem de temas com determinados grupos sociais⁽²⁾. O cenário da experiência foi a cidade de Diamantina, Minas Gerais, Brasil e os sujeitos participantes foram jovens.

Considerando esses aspectos, o ponto de partida para a construção da roda de conversa se pautou na experiência da docente no que diz respeito ao interesse por formar grupos no campo da saúde em que a participação, interesse e necessidades dos sujeitos pudessem ser colocados em prática. E quanto à experiência da discente, esta já havia participado de outros grupos, inclusive organizados por adolescentes, além do seu interesse em conduzir grupos sobre os temas da autonomia e do autocuidado.

Dessa forma, primeiro, identificou-se duas jovens, além das autoras, interessadas em formar um grupo com jovens. A partir de então, essas duas jovens passaram a auxiliar na divulgação do projeto junto a outros possíveis jovens interessados. Dessa forma, esses jovens pertenciam a uma mesma escola/universidade, moradia ou apareceram a partir da divulgação nas redes sociais para participarem dos encontros. Deu-se início, então, aos encontros que foram realizados em local de melhor acesso, sugeridos pelos próprios aos participantes interessados.

A descrição da experiência consiste em: 1) Idealização das rodas de conversas; e 2) O desenvolvimento das Rodas de Conversas. Na sequência, seguem-se as reflexões sobre o desenvolvimento das rodas de conversas com jovens.

O projeto foi apreciado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) sob o parecer de número 3.580.731. Ressalta-se que não foram realizados registros de imagens e/ou gravações de conversas, devido à natureza extensionista da proposta.

RESULTADOS

A idealização das Rodas de Conversas

Inicialmente, foi realizada uma revisão na literatura em bases de dados como *Scientific Electronic Library Online* (Scielo) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além de livros que abordam os temas: autocuidado e autonomia, tendo em vista que a realização destes só acontecem se realizadas pelos próprios sujeitos.

A partir de então e após inúmeros diálogos entre discente e docente, foi possível chegar à ideia de realizarmos a formação de uma roda de conversa com jovens. Foi possível explorar, então, textos, que refletem sobre o assunto de forma profunda e explicativa. Dentre esses, tem-se o entendimento de que saúde e autocuidado se referem a condição de bem-estar físico, psíquico e social pautadas em práticas tanto individuais quanto coletivas^(2,7). Incluindo também a capacidade dos sujeitos em compreenderem a si mesmos e serem capazes de lidar com suas dependências e seus contextos sociais. Esses conceitos foram fundamentais para nortear o trabalho.

Na medida em que avançávamos no diálogo, percebemos a importância em se trabalhar autonomia e autocuidado com jovens, uma vez que, nessa fase da vida, é comum se passar por diversas descobertas e buscas por identidade, acompanhados de instabilidade emocional⁽⁵⁾. Considerando que o período juvenil ocorre um crescimento importante, que além das mudanças físicas e fisiológicas do corpo, há também a percepção de sentimentos diversos e contraditórios – como medo, insegurança, dúvidas, vergonha, ansiedade, dentre outros – que tendem a um comprometimento da saúde mental, caso não sejam partilhados^(4,7).

A revisão de alguns conceitos, somada a experiência da discente aguçou o olhar para enxergar a sua realidade como jovem, marcada por experiências de mudanças e muitas vezes vivenciada de forma difícil, com sentimentos de insegurança e ansiedade.

Foi possível, então, compreender que, assim como descreve a literatura, o desenvolvimento da autonomia e autocuidado em jovens influenciam na saúde deles. Afinal, eles contribuem para o encontro consigo mesmo, algo importante para os auxiliarem no enfrentamento dos desafios da vida contemporânea.

Para isso, a conversa possibilita que os sujeitos construam sentidos para o mundo e o lugar onde estão, quando há troca e partilha das experiências cotidianas⁽⁴⁾. Dessa forma, a formação das rodas de conversa teve como eixo central o diálogo entre jovens, incorporando-os como sujeitos da sua concretização.

O desenvolvimento das Rodas de Conversa

O desenvolvimento das rodas de conversa foi constituído por meio das partilhas das experiências vividas pelos participantes e opiniões a cerca do assunto abordado, sendo o ponto de partida de cada encontro. Os participantes ao longo dos encontros foram constituídos em sua maioria pelo sexo feminino, com idade entre 16-25 anos.

Em 05 de junho de 2019, foi realizada a primeira roda de conversa. Para este início, foram convidadas a participarem duas jovens com diferentes experiências: uma estudante universitária e uma estudante do ensino médio. A partir de então, a definição dos temas das rodas de conversa foi decidida em grupo e, conforme a aproximação com as pessoas que se interessavam em participar desse

processo.

Foram realizados 16 encontros ocorridos no período de junho de 2019 a agosto de 2020 (Quadro 1). À medida que os encontros iam acontecendo, a vivência em cada roda de conversa era registrada em um caderno de campo, de maneira a considerar os seguintes aspectos: a descrição da roda em si considerando quantos participantes esteve presente no dia, assim como o tema conversado e as impressões com a experiência do dia.

Dos 16 encontros, 13 ocorreram presencialmente e foram realizados em locais acessíveis aos participantes. Inclusive, dois desses encontros presenciais ocorreram na ausência das idealizadoras da proposta, cujos temas foram Autoestima e Recomeços e foram conduzidos por uma participante do grupo. Isso evidenciou o interesse dos participantes na condução das rodas de conversa. As três últimas rodas aconteceram *online*, via *Google Meet* devido ao isolamento social decorrente da pandemia pelo Coronavírus.

Com o intuito de trabalhar incentivando a participação e a reflexão dos participantes, em cada encontro a roda foi organizada em quatro momentos, conforme pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1. Objetivo do planejamento da Roda de Conversa

Roda de Conversa		
Momentos		Objetivo/Descrição
1°	Acolhimento	Apresentação dos participantes com inclusão de respostas à pergunta “como estou me sentindo hoje?”
2°	Apresentação do tema	Introdução e explanação do tema – sugerido no encontro anterior - para a reflexão e partilhas de experiências vividas e opiniões sobre o tema abordado.
3°	Partilhas de experiências vividas e opiniões a respeito do tema.	Discussão a partir de opiniões, pensamentos, bem como de partilha das experiências vividas.
4°	Conclusão	Exposição dos sentimentos após o que foi conversado, a fim de trazer uma reflexão e comparação de como estavam se sentindo antes e após o encontro.
5°	Sugestão de Temas	Definição dos temas para os encontros seguintes.

Fonte: Elaborado a partir dos registros em diário de campo

Essa divisão - levou em consideração as experiências das idealizadoras da proposta em outros grupos e projetos de extensão - para que os participantes pudessem manifestar seus sentimentos e emoções em cada encontro.

As rodas contaram com a participação em média de cinco participantes por encontro, conforme se observa no quadro 2. Apesar das rodas presenciais terem sido previstas para ocorrerem em um local de fácil acesso, houve um encontro que aconteceu na zona rural e com discentes do Ensino Médio do

Quadro 2. Cronograma da Roda de Conversa

Roda de conversa	Tema	Modo	Data	Local	Número de participantes
1	Autoconhecimento	Presencial	17/06/2019	Praça Dr. Prado	3
2	Saber dizer não para compreender o seu limite	Presencial	28/06/2019	Praça do Mercado	3
3	Autodomínio	Presencial	05/07/2019	Praça do Mercado	4
4	Rede social	Presencial	20/09/2019	IFNMG	Média de 60
5	Convivência com os colegas e família	Presencial	20/09/2019	Praça do Mercado	5
6	Autoconhecimento	Presencial	27/09/2019	Praça do Mercado	6
7	Falta de Tempo	Presencial	04/10/2019	Praça do Mercado	6
8	Prioridades	Presencial	18/10/2019	Praça do Mercado	6
9	Autoconfiança	Presencial	08/11/2019	Praça do Mercado	5
10	Assumir as responsabilidades de suas escolhas	Presencial	22/11/2019	Praça do Mercado	8
11	Autoestima	Presencial	29/11/2019	Praça do Mercado	5
12	Fragilidades	Presencial	07/12/2019	São Gonçalo do Rio das Pedras	Média de 25
13	Recomeços	Presencial	03/03/2020	Praça do Mercado	9
14	Reinvenção	Online	05/06/2020	Google Meet	5
15	Se organizar nos estudos e tarefas	Online	26/06/2020	Google Meet	3
16	Nossos encontros	Online	11/08/2020	Google Meet	6

Fonte: Elaborado a partir dos registros sobre cada encontro

DISCUSSÃO

Nos primeiros 12 encontros e conforme os cinco momentos de cada encontro (Quadro 1), foi possível refletir sobre a participação dos jovens em cada roda. Todos mencionavam sentir-se bem, felizes. À medida que as conversas fluíam, chamou atenção em como os participantes se demonstravam preocupados, com ansiedade, ou com saudades de suas respectivas famílias. Durante o período do isolamento social em 2020, correspondendo aos quatro últimos encontros (13º ao 16º), o que predominou

em cada conversa foram as angústias diante das dificuldades na adaptação da rotina e a preocupação quanto ao futuro frente ao cenário pandêmico.

Após o primeiro momento de cada roda, as pessoas iam se sentindo mais à vontade e conseguiam ir expressando outros sentimentos. Com o avançar das conversas foi possível perceber que, independente do tema, os aspectos relacionados a dificuldades de relacionamentos em geral e de convivência se expressaram como algo significativo na vida dos participantes. Essas dificuldades apareceram em alguns momentos, ora com amigos, ora com colegas de república e/ou familiares. Esses apareceram, principalmente, quando foram abordados temas 'saber dizer não', 'autodomínio' e 'convivências' antes do período da pandemia; e 'reinvenção' e 'organizar nos estudos', realizados on-line. O diálogo permite que os sujeitos se expressem, escutem os outros e a si mesmo, configurando-se como uma possibilidade de melhorar o convívio entre as pessoas⁽⁴⁾.

Dentre as dificuldades apontadas pelos participantes, o contato com outras pessoas, via redes sociais, se mostrou como algo que contribui ainda mais para a solidão. Aparecendo, sobretudo, nas rodas em que os temas foram 'saber dizer não', 'rede social', 'convivências' e 'autoconfiança'. Além disso, os riscos para a saúde decorrente do uso desmedido das redes sociais também foram ressaltados. Segundo um participante, este explicitou que se sente frustrado ao perceber que as redes sociais parecem enfatizar as "falhas" das pessoas. Após esse desabafo, o grupo discutiu e refletiu a respeito do uso das redes sociais. Chegou-se à ideia dos aspectos mais negativos das redes sociais, já que além de dificultar o contato social, seu uso contínuo dificulta também momentos de descanso e de relaxamento. Sabe-se, porém, que o uso desmedido de redes sociais propicia o desenvolvimento de problemas de saúde, podendo contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de angústia, solidão, baixa autoestima e ansiedade. Isso deve ser levado em consideração, uma vez que o Brasil se enquadra nos países que tem a maior porcentagem de jovens ansiosos^(5,8).

Aliado ao aspecto da frustração houve também uma discussão sobre a confiança em si mesmo e em outras pessoas. Na medida em que se aprofundava a discussão, a ausência de confiança nas capacidades de cada um ia aparecendo como algo central. A confiança se relaciona a uma visão positiva que se tem de si mesmo e dos outros⁽⁴⁾. Pensando assim, é possível compreender que a falta de equilíbrio pode levar à perda do controle de si e, por conseguinte, à perda da confiança em si mesmo e nas pessoas do entorno.

A necessidade de autoconhecimento apareceu também como algo importante para os participantes, tanto para a vida profissional como na vida pessoal. Essa temática apareceu nos encontros cujos temas foram 'autoconhecimento', 'autoconfiança', 'assumir as responsabilidades de suas escolhas' e 'organização nos estudos', em que muito se partilhou sobre a influência das pessoas, sejam da família ou de amigos em nossas escolhas nos diferentes aspectos ao longo da vida.

Ademais, quando não se trabalha os sentimentos de frustração, medo, angústia e insegurança, um dos recursos utilizados por jovens para aliviá-los tende a ser o consumo de drogas lícitas ou ilícitas como fonte para uma solução imediata de sentimentos e/ou problemas⁽⁸⁾.

Diante da abordagem aos diferentes temas durante as rodas de conversa, percebe-se como a juventude é marcada por várias mudanças e pelo desenvolvimento de novas redes sociais, além do estabelecimento de identidade própria, podendo se caracterizar também pelo desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental, a depender de como é conduzido⁽⁴⁾. Dessa maneira, se faz fundamental a presença da reflexão para conhecimento de si mesmo, de olhar para os valores, interesses e capacidades, bem como desenvolver uma postura crítica que permita o discernimento de diferentes aspectos que norteiam suas escolhas.

Na conclusão de cada roda, era questionado sobre como havia sido o encontro. Tanto aqueles realizados presencialmente, quanto os virtualmente. A maioria dos participantes revelavam-se sentirem-se mais felizes e mais leves após partilharem seus sentimentos. No último encontro, realizado virtualmente, foi evidenciado pela avaliação dos participantes, que no período das rodas de conversa se perceberam mais confiantes em lidar com algumas das suas dificuldades.

Em suma, foi possível perceber que nos encontros realizados, dentre os temas abordados, enfatizou-se o encontro pessoal, a autoconfiança e as relações. Todos os temas foram selecionados à medida que os encontros aconteciam, sugeridos pelos próprios participantes a partir de suas realidades e suas necessidades. A conversa possui o objetivo de construir um encontro consigo próprio, sendo um contato com o seu vivido⁽⁴⁾.

Limitações do Estudo

As limitações da experiência relatada dizem respeito à frequência da realização das rodas de conversa. Inicialmente, previu-se um encontro semanal, mas devido às demandas universitárias/escolares, períodos de férias e a pandemia tiveram que ser ajustados, conforme a disponibilidade dos participantes. Além disso, a experiência não permite esgotar o tema da participação no processo de formação de grupos no âmbito da educação em saúde, mas apenas apresentar possibilidades distintas de envolvimento de participantes para além da transmissão de conhecimentos técnicos e pontuais.

Contribuições para a Área da Enfermagem, Saúde ou Política Pública

Para a enfermagem e demais profissões do campo da saúde, conhecer o processo de formação de rodas de conversa a partir da pesquisa participante pode ser uma forma de ampliar as ações de educação em saúde. Isso porque esse método fomenta o diálogo, permite trabalhar ações na perspectiva da promoção e prevenção da saúde atuando no desenvolvimento da autonomia, pela prática e responsabilização pelo próprio cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de formar rodas de conversa contando com a participação dos jovens mostraram-se ser algo possível para o desenvolvimento de grupos em que os sujeitos sejam o centro da atenção. Acreditamos termos respondido, em parte, a pergunta inicial da proposta, uma vez que os participantes se mostraram interessados e dispostos em conduzir os encontros, inclusive na ausência de suas idealizadoras. Relatar essa experiência pode ser uma forma de socializar e mostrar como é possível desenvolver grupos participativos, que podem impactar no bem-estar das pessoas, sendo algo importante para o desenvolvimento das ações de enfermagem e demais profissionais da saúde em âmbito coletivo e comunitário. Afinal, as rodas permitiram uma socialização de reflexões de sentimentos e ideias que, para além de pertencerem a um indivíduo, são compartilhadas socialmente.

REFERÊNCIAS

1. David HMSL, Pina JA, Stotz EN, Lima Júnior IA, Vasconcellos LAV, Mattos LV, et al. Curso para a formação histórico-política na graduação em saúde: análise de uma construção partilhada. *Trabeduc saúde* [Internet]. 2018. Sep;16(3):997–1015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/bzvF8qqyDwzvfWf9yYCYJT8z/?lang=pt#>
2. Botelho BO de, Cruz PJSC, Bornstein VJ, David HMSL, Lima L de O. Experiências de formação no contexto da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2021;25:e200195. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RJqTV8D9DWpLDYd3rcTbHXM/?lang=pt#>
3. Siqueira CA, Hemmi AP, Pereira DN. Participação em projetos de extensão e a formação do profissional de saúde. in: Silva E. *Atualidades em Extensão Universitária: interdisciplinaridade*. Rio Branco: *Stricto Sensu*; 2020. p.214-225.
4. Amorim LB, Santos MR, Santos JAM, Santos CP, Iochims FS, Monteiro WA. The conversation circle as an instrument of care and promotion of mental health: perception of CAPS users. *Nursing*. 2020, 23(262): 3710-3715. Disponível em: <http://www.revistanursing.com.br/revistas/263/pg53.pdf>
5. Silva Junior ES, Melo JAB, Silva AP, Silva TA, Chaves APC, Souza AF, Júnior JSG, Santana SN. Depression among adolescents who frequently use social networks: a literature review. *Brazilian Journal of Development*. 2022, 8(30):18838-1851. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/45299>
6. Rivadeneira GMF, Sola VJH, Chuquimarca MMC, Ocaña NJA, León GAG, Dávila VMS, et al. Experiencia y resultados de un proceso educativo interdisciplinario para la promoción de salud en universitarios. *Hacia la Promoción de la Salud*. 2020;25(2):109–23. Disponível em: <https://doi.org/10.17151/hpsal.2020.25.2.12>
7. Fonseca GV. Understandings Around the Concept of Transition to Adulthood and its Relationship with Autonomy from the Systemic Paradigm. *Divers. Perspectiva. Psico.*; 2022, 18(1):70-87. Disponível em: <https://doi.org/10.15332/22563067.7876>
8. Ferreira BV de O, Souza J da S, Chaves LCMR, Frazão I da S, Brito VC do NG, França VV, Vasconcelos SC. Attitudes of school adolescents about alcohol and other drug use: cross-sectional study *Rev. baianaenferm.* [Internet]. 2022; 36. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/44908>